

A Marquesa de Alorna e a sociabilidade ilustrada portuguesa

Gisele Ambrósio Gomes
Mestranda em História – UFJF

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo geral analisar a sociabilidade ilustrada lusa representada pela emergência dos salões através da trajetória de vida de Leonor de Almeida, a Marquesa de Alorna, uma portuguesa cujo cotidiano estava inserido nas mudanças mentais e comportamentais do setecentos europeu engendradas pelo Iluminismo.

Palavras-chaves: Iluminismo, Marquesa de Alorna, Sociabilidade.

Breve biografia de Leonor de Almeida, a Marquesa de Alorna

Leonor de Almeida Lorena e Lencastre nasceu em Lisboa no dia 31 de outubro de 1750. Os seus pais, João de Almeida Portugal e Leonor de Lorena e Távora, eram figuras proeminentes na Corte portuguesa. João de Almeida acumulou em vida os títulos de 2º Marquês de Alorna e 4º Conde de Assumar, além de atuar como vedor da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo e capitão da Cavalaria Real. Depois da primogênita Leonor, esse casal teve mais dois filhos: Maria de Almeida, que casada assumiu o título de Condessa Ribeira Grande; e Pedro de Almeida Portugal, futuro 3º Marquês de Alorna e 5º Conde de Assumar.¹

O parentesco próximo da família de Leonor de Almeida com os Távora levou-os à prisão por ordem do Marquês de Pombal sob a alegação de que estariam também envolvidos na conspiração contra D. José I. A Partir de 1758, e por mais onze anos, a família ficou separada: o pai tornou-se prisioneiro do Forte da Junqueira; o pequeno

¹ Notícia biographica da Exma Senhora D. Leonor d' Almeida. In: Marquesa de Alorna, **Obras Poéticas**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844, t.1, p 3 e 6. Disponível em <<http://purl.pt/172/1/>>. Acesso em 27/05/2006.

Pedro ficou sob a proteção de familiares; e as mulheres foram enclausuradas no convento de Chelas.²

Durante esse período de enclausuramento, Leonor dedicou sua atenção tanto às atividades internas do convento – foi “enfermeira”, “refeitoreira” e “organista” – quanto para os estudos.³ Assim,

[...] esta menina, sem mestres, e sem outro auxilio mais que um genio elevado, a doutrina e ternura de sua mãe, e as maximas e conselhos de seu pae, que passados alguns annos eram regularmente communicados, com grande perigo seu, e risco de ambos; e com o auxilio de livros escolhidos, que os amigos da sua família lhe facilitavam, se tornou insigne pelo conhecimento das linguas e das lettras, pelo da sã Philosophia, da Musica e da Poesia, sem que lhe fossem estranhas as outras prendas de seu sexo.⁴

Para a sua formação intelectual muito contribuiu também os ditos “outeiros” que permitiram à jovem Leonor o contato com diversos poetas, sobretudo com os membros da Arcádia.⁵ Uma figura de destaque desses encontros, nos quais se podia recitar e ouvir belos versos, foi Francisco Manuel do Nascimento, cujo pseudônimo arcádico era *Filinto Elísio*. Homem ilustrado, nas palavras de Saraiva “enciclopedista e Liberal”, tornou-se professor, amigo e um dos pretendes de Eleonor, iniciando-lhe, ao que tudo indica, nas questões filosóficas e científicas. É de sua autoria o pseudônimo *Alcipe* pelo qual ficou conhecida a iniciante poetisa no círculo literário luso.⁶

No ano de 1777, com a morte de D. João I e a ascensão de D. Maria I ao poder, o marquês e sua família reuniram-se e voltaram para Lisboa. Assim que se reestruturaram nesta cidade Leonor de Almeida casou-se com o nobre alemão Conde Carlos Augusto de Oeynhausen Groemburg.⁷ Desse casamento nasceram oito filhos dos quais apenas seis sobreviveram: Leonor Benedita (futura Marquesa da Fronteira);

² Idem, p. 15.

³ Idem, p. 15 e 16.

⁴ Idem, p. 15.

⁵ Idem, p. 17 e 18.

⁶ SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 11ª ed. Porto: Porto, p. 682 e 693.

⁷ Notas biographicas... Op. Cit. p. 20 e 21.

Frederica de Oeynhaussen; Juliana (Condessa da Ega e, na Rússia, Condessa Stroganoff); Henriqueta; Luiza e Ulrico.⁸

A nomeação de seu marido para o comando do 1º Regimento do Porto fez com que Leonor, agora Condessa de Oeynhausen, mudasse para esta cidade. Após utilizar suas relações sociais e influências políticas na Corte, a Condessa conseguiu que seu marido fosse nomeado para o cargo de Ministro Plenipotenciário de Portugal na corte de Viena.⁹ Essa nomeação concedida por Maria I foi-lhe custosa, como demonstra o seu desabafo encontrado em documentos pertencentes ao arquivo da Torre do Tombo:

Todas as minha amigas e a Princesa faziam força para que o Conde entrasse na Carreira Diplomática, mas nenhuma me dava segurança e todas acusavam o Visconde e o Marquês de Angeja de oposição. Resolvi-me falar ao Visconde, assentando de fazer contrário do que ele me dissesse. Fez-me muitos cumprimentos, mostrou-me grande desejo de me servir, disse-me que a embaixada de Espanha não estava dada, nem por consequência vago o lugar de Viena e que me pedia encarecidamente que naquela noite não falasse eu à Rainha. Isto me bastou para ver a sua opinião. Fui imediatamente falar com uma das minhas amigas, a qual comunicou que, tendo tido a resolução de perguntar a S. M. se meu marido seria nomeado para algum dos lugares, S. M. respondeu que eu ainda não tinha pedido nenhum. Esta resposta aclarou-me e, abolindo todos os meus antigos princípios, conheci que na Corte é preciso pedir, e que de pouco ou nada serve merecer.¹⁰

Durante sua viagem para Viena, a Condessa estabeleceu relações nas cortes espanhola e francesa, ampliando seu círculo social com nomes ilustres como, por exemplo, o rei Carlos II, o rei Luiz XVI e a família Necker “que nesse tempo tinha já crédito e influência, em cuja casa se reuniam os eruditos e os políticos do tempo[...]”.¹¹ Em Viena, onde tornou-se Dama da Ordem da Cruz Estrelada, inúmeras e importantes também foram suas amizades.

⁸ Idem, p. 22, 24, 26 e 27.

⁹ Idem, p. 22.

¹⁰ Essa citação foi retirada de uma transcrição feita de um documento referente às memórias da Marquesa de Alorna que se encontra no “Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivos Particulares, Casa Fronteira, Família Almeida”. Disponível em < http://www.arqnet.pt/portal/pessoais/alorna_1780.html.> Acesso em 27/05/2006.

¹¹ Notas biographicas... Op. Cit., p. 22.

Entre estas se distinguirm o Príncipe de Kaunitz, o Landgrave de Furstemberg, Mme de Valtein, Mme de Thun, e outras senhoras, em que a Condessa fallava muita vezes, e que eram da sua mais intima convivencia. Aqui achou a Condessa ainda o Abade Pedro Metastasio, Poeta Cesareo da Crte de Carlos 6º e de Maria Thereza, com o qual contrahio as relações de amizade, e as da literatura italiana, que muito lhe aproveitaram nas suas composições as mais harmoniosas¹².

Após a morte do conde em 1793, Leonor retornou para Almerim dedicando-se à filantropia e à educação de suas filhas.¹³ As ameaças da invasão napoleônica levaram a Condessa a se empenhar em uma viagem para a Alemanha, mas que foi adiada por uma longa estadia na Inglaterra.¹⁴ Nesse período,

Freqüentava a Condessa a casa do Embaixador de Portugal, que então era domingos de suza Coutinho, Conde de Funchal, onde às vezes se encontrava com o Doutor Vicente Pedro Nolasco da Cunha, addido a algumas Enviaturas portuguezas, e que tambem fazia os versos com muita facilidade¹⁵.

A sua vinda definitiva para Lisboa deu-se após a morte de sue irmão em 1813, que fora preso na França por sua atuação na Legião Portuguesa no período napoleônico, no afã de “procurar todos os meios de justificar a memória de seu irmão, e tratar dos negócios dessa casa que herdava por sua morte.”¹⁶ É nessa época que ela passa a utilizar o título de 4ª Marquesa de Alorna.

Os últimos anos de vida da Marquesa foram marcados pela reclusão a qual ela mesma se infligiu em função da morte prematura de seu filho Ulrico em 1822, com apenas 29 anos de idade. Ela faleceu aos 89 anos de idade em 11 de outubro de 1839.¹⁷

Não podemos nos esquecer de frisar que a portuguesa Leonor de Almeida foi autora de uma vasta produção intelectual, cujas linhas escritas permite-nos visualizar o

¹² Idem, p. 23.

¹³ Idem, p. 29 e 30.

¹⁴ Idem, p. 32 e 33.

¹⁵ Idem, p. 34.

¹⁶ Idem, p. 35 e 37.

¹⁷ Idem, p. 40 e 41.

contexto cultural em que estava inserida ao longo de sua vida. O seu saber foi materializado na epistolografia, nas traduções e nas poesias. Na primeira destaca-se suas *Cartas a uma filha que vai casar*, nas quais nossa escritora demonstra sua preocupação com a instrução feminina.¹⁸ Assunto que foi ganhando seu espaço no setecentos europeu no interior de uma preocupação maior de diversos teóricos iluministas da época: o melhoramento das práticas educativas.¹⁹

Nas traduções Leonor dedicou sua atenção e esforços aos trabalhos de autores modernos e greco-latinos. O elenco é enorme: Cristoph Wieland, Goethe, Thompson, Youg, Gray,²⁰ Horácio e Alexander Pope.²¹ No campo poético a nossa Alcipe também teve um papel de destaque com suas composições “elegantes”²², abarcando os diversos gêneros poéticos: odes, sonetos, éclogas, elegias, canções, apólogos, cantiga e epigramas. A sua produção poética encontra-se nos seis volumes das *Obras Poéticas* da Marquesa de Alorna publicados em Lisboa no ano de 1844. Neles podemos encontrar uma poesia de caráter pessoal e sentimental que emanam de sua alma já “pré-romântica”²³ marcada por angústias, solidão e tristezas, como percebemos nos seguintes versos de forma eloqüente: “Condemnam me a chorar, e a não chorar,/ Sinto a perda total das esperanças/ E sinto-me morrer sem acabar.”²⁴

A marquesa, além de seus versos melancólicos, deixou-nos em sua poesia vestígios de seu contato com as intenções iluministas e com o saber científico que emergiam em seu tempo. Nesse sentido, suas palavras são claras: “com uma honesta inveja olho as vantagens/ Com que o estudo triunfa em outros reinos/ E corrigindo os meus próprios defeitos/ Sempre dócil serei aos teus preceitos.”²⁵ A sua percepção de uma nova era benéfica que se edificava no rastro das Luzes a autorizou a conclamar seus contemporâneos a participarem dessa marcha da civilização.

¹⁸ Informação Disponível em < http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_7>. Acesso em 27/05/2006.

¹⁹ Ver SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (orgs). **História das Mulheres no Ocidente**: do renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991, v. 3.

²⁰ SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. Op. cit. p. 693.

²¹ Ver Obras poéticas... t. 5.

²² Termo retirado de Notas biographicas..., p. 17.

²³ SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. Op. cit. p. 693.

²⁴ **Obras poéticas...**, t. 1, p. 9.

²⁵ **Obras poéticas...**, t. 2, p. 14.

*Mancebos presumidos destas eras
 Não fique para vós o exemplo mudo
 Despejai a cabeça de chimeras*

*Sciência, applicação, methodo, estudo
 Põem os homens acima das espheras:
 Pouco importa empre'ender, saber é tudo.*²⁶

Os salões setecentistas no cotidiano da Marquesa de Alorna

Os salões franceses do século XVIII, e posteriormente os que surgem em outro territórios, constituíram-se em uma das mais importantes bases para essa emergente esfera pública literária. A sociabilidade que se formava em seu interior – em várias ocasiões sob a gerência das grandes damas da sociedade – propiciava a seus participantes (escritores, aristocratas, eruditos...), entre jogos, leituras e conversas, inúmeras vantagens.²⁷ Nas palavras de Chartier, “Allí se pueden obter protecciones e pensiones, empleos y gratificaciones;[...].”²⁸

Segundo Dulong, desde o século XVIII presenciamos inúmeros exemplos de mulheres nas cortes, principalmente princesa e rainhas, que se destacavam por sua esmerada educação e por suas habilidades de manter conversações - escolhendo e conduzindo os temas a serem tratados - em seu círculo social. Entretanto, é somente no século XVIII que ocorre o fenômeno dos salões, momento em que os “centros de cultura” saem dos limites dos palácios para ganharem vida no âmbito privado.²⁹

²⁶ Idem, p 180.

²⁷ CHARTIER, Roger. **Espacio público, crítica y desacralización en siglo XVIII**: las origens culturales de la Revolucion Francesa. Barcelona: Gedisa, 1995, p. 174 e 175.

²⁸ Idem, p. 175.

²⁹ DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: PERROT, Michelle e DUBY, Georges (orgs). **História das Mulheres no Ocidente**: do Renascimento a Idade moderna. Porto: Afrontamento, 1991, v.3, p. 467.

Os salões constituíram-se em um dos mais significativos locais em que a mulher poderia expressar-se com menos censura. E mais ainda, eram os salões que lhes abriam as portas para a amplitude do mundo da cultura através das relações sociais estabelecidas em tais ambientes, uma vez que muitas dessas mulheres tinham sua educação subordinada aos ditames de três instituições: a família, a escola e o convento.³⁰ Nesse sentido, importante foi a “companhia heterogênea” que as senhoras aliciavam para os seus salões: homens das “belas letras”, artistas, físicos, médicos astrônomos, entre outros.³¹

Na França as anfitriãs dos salões pertenciam a parcela de mulheres cultas e de “bom nascimento”, cujos pais ou maridos não tinham um controle severo sobre o seu comportamento: em alguns casos por serem liberais; e em outros por estarem ausentes ou por motivo de falecimento.³² Dessa sorte desfrutou Germaine de Stäel-Necher, de forte presença nos salões de sua família em Genebra e Paris. Ela destacou-se por sua “inteligência excepcional” estimulada pela sua constante participação desde pequena nas “conversações” e pelo auxílio do pai.³³ Logo, é possível afirmar que Germaine, ou Mme de Estäel, “teve todas as possibilidades que as raparigas do seu tempo ainda não tinham, ou não todas de uma vez: dinheiro, afecto dos pais, situação mundana, um pai ministro e, sobretudo, instrução e talento.”³⁴

Se, por um lado, os salões constituíram-se no seio da “boa sociedade”, em espaços pedagógicos, culturais e de sociabilidades, por outro lado também atuaram no

³⁰ Idem, p. 467 e 469.

³¹ Idem, p. 479 e 491.

³² Idem, p. 472.

³³ Idem, p. 494.

³⁴ Idem, p. 495.

ritmo da vida pública como, por exemplo, na política ou nas eleições das academias.³⁵ O pesquisador Godineau também esclarece-nos que as mulheres, senhoras dos salões, muitas vezes possuíam um papel importante nas discussões políticas da época. Os seus salões, locais mais privados e neutros, eram espaços políticos favoráveis à presença de representantes de diversas facções políticas.³⁶ Por exemplo, ao analisar o comportamento de Madame Roland, uma típica “mulher da política,”³⁷ diante de seus convidados e da sociedade, afirmou:

*A dona da casa não se contenta em receber, anima as discussões e exerce uma verdadeira influência sobre os convidados: graça à sua instrução, às suas leituras, à sua religião rousseauiana, à sua fé na superioridade do talento, é uma excelente representante do espírito das Luzes. Já antes da Revolução trabalhava muito com o marido, ajudando-o a redigir os seus discursos acadêmicos, os seus tratados técnicos, os seus relatórios sobre as fábricas ou os artigos para a Encyclopédie méthodique. A revolução confere depois um novo significado a esta colaboração conjugal. Manon Roland inspira profundamente a política de seu marido, entretanto nomeado ministro, escrevendo para ele alguns textos oficiais mais importantes.*³⁸

Analisando a trajetória de vida da portuguesa Leonor de Almeida percebemos que esse espaço de sociabilidade, o salão, também fez parte de sua vida permitindo-lhe ampliar os seus conhecimentos e favorecendo sua circulação entre pessoas proeminentes da época (reis, poetas, artistas, políticos,...).

³⁵ HOF, Ulrich Im. **A Europa no Século das Luzes**. Lisboa: editorial Presença, 1995, p. 108.

³⁶ GODINEAU, Dominique. A Mulher. In: VOLVELLE, Michel (org.) **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 330.

³⁷ Idem, p. 331.

³⁸ Idem, p. 330 e 331.

A Marquesa, como já vimos, iniciou-se na “boa conversação” através dos *outeiros* realizados entre as grades do convento de Chelas pelos distintos poetas da época, sobretudo dos árcades. O aprimoramento de sua cultura e de sua habilidade de bem falar e portar-se ocorreu no salão de sua família em Lisboa depois de proferida a inocência de seu pai.³⁹ Em sua biografia encontramos o relato de que a sua casa paterna tornou-se

*[...] uma das mais agradáveis que podiam encontrar-se [em Lisboa], pela optima sociedade que alli se reunia, assim de portugueses como de estrangeiros atraídos pelo saber e amabilidade do Marquez, pelos dotes naturaes, espirito e talentos de suas filhas [...].*⁴⁰

Em suas viagens e estadias, após casada, pela França, pela Espanha, pela Inglaterra e por Viena, a sua presença era constatada nos mais importantes círculos sociais. Por exemplo, sua presença nos salões da família Necker na Alemanha. A amizade com essa família provavelmente lhe rendeu bastante prestígio, pois o salão de Suzane Necker era freqüentado por “teóricos da economia e da política, filósofos sábios, publicistas e um bom número de estrangeiros, ilustrando aquele cosmopolitismo que é um dos traços marcantes do século.”⁴¹ Tal relação foi aprofundada no salão da filha do casal, Mme Stäel, em uma de suas estadias em Londres no conturbado período político em que se encontrava a Europa no momento de restauração do reinado de Luiz XVIII.

Eram na verdade interessantes as conversas entre esta duas illustres damas, acerca ds discussões políticas do tempo, seguindo ellas opiniões diversas e principios inteiramente oppostos. Mme de Stäel, nascida na Suissa, era republicana como seu pae, e adversa a causa de Luiz 18, não obstante haver

³⁹ Notas biográficas..., Op. cit, p. 17, 18 e 20.

⁴⁰ Idem, p. 20 e 21.

⁴¹ HOF, Ulrich Im., Op. cit., p. 493.

*sido maltratada, e desterrada por Bonaparte. A Condessa era monarchica, sequaz da realeza, contraria a tudo quanto a pudesse vulnerar; e Luiz 18 era Rei legitimo; o que batava para que a condessa sustentasse sua causa.*⁴²

Na sua terra natal a Marquesa de Alorna também estabeleceu “os seus salões de S. Domingos de Benfica [que] foram freqüentados durante toda a época das luta civis e ainda depois da vitória liberal[...]”⁴³ Os encontros em seus salões são descritos da seguinte forma:

*A boa companhia, assim portuguesa como estrangeira, affluio toda em sua casa, sem que a condessa precisasse de convidar algum, porque todos concorriam a procurá-la. Mas suas reuniões encontrava-se o útil, o honesto, e o agradável. As Letras e as Artes alli tinham o seu lugar. Os Sabios e os eruditos eram por ella recebidos com particular acolhimento.*⁴⁴

Entre os artistas podemos destacar a figura do pintor italiano Foschini. Dessas relação entre a Marquesa e o pintor surgiram os desenhos sobre o “Sonho de D. Manuel” descrito no canto 4º dos Lusíadas.⁴⁵ O conhecimento por parte de D. João de tais desenhos, levou-o a conceber

*[...] a idea de fazer do palácio da Ajuda, [...]um monumento da gloria portuguesa, por meio das Bellas – Artes, nas quais então floreciam alguns distinctos Professores nacionaes, encarregando a Condessa do plano para esta grande e digna empreza, e para a condessa tão honrosa e lisongeira. [...] mas, intrigas de Palácio embaraçaram tudo; [...].*⁴⁶

A “boa companhia” que freqüentava a casa de Leonor também eram composta por literatos tanto da geração árcade quanto pelos incipientes românticos.⁴⁷ Entre eles destaca-se Manuel Maria Barbosa du Bocage que, embora tivesse forte tendência para

⁴² Notas biographicas... Op.cit., p. 22.

⁴³ SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. Op. cit, p. 693.

⁴⁴ Notas biographicas... Op. Cit., p. 30.

⁴⁵ Idem, p. 31.

⁴⁶ Idem, ibidem.

⁴⁷ SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. Op. cit, p.693.

o romantismo, bebia na fonte do Arcadismo, sendo conhecido pelo pseudônimo arcádico *Elmano Sadina*. Lembrado pelos seus dotes literários, também merece ser destacado como um crítico da monarquia e da Igreja.⁴⁸ Outro literato, Alexandre Herculano de Carvalho Araújo – leitor atento de Schiller, Chateaubriand, Guizot e Victor Hugo – também freqüentou os salões da Marquesa, atribuindo-lhe o seu “gosto pelo romantismo alemão”.⁴⁹

Após esses apontamentos da “vida mundana” da portuguesa Leonor de Almeida podemos concluir o quão importante foi sua participação na emergente esfera pública moderna que se cristaliza no século XVIII. A partir da sociabilidade ilustrada, sobretudo dos salões, ela aprimorou sua cultura, trocou idéias, estabeleceu amizades e entrou em contato com as últimas novidades da literatura, da ciência e da política. Esse prestígio adquirido via instrução e mundanidade permitiu-lhe até mesmo atuar na esfera política como foi o caso de suas constantes tentativas, já citadas anteriormente, junto à família real lusa para conseguir bons cargos para o seu marido.

Conclusão

A vida da Marquesa de Alorna foi indubitavelmente influenciada pelas transformações culturais e comportamentais, oriundas do movimento iluminista, que acometiam a Europa no século XVIII. Ela foi uma mulher detentora de uma sólida formação intelectual que, iniciada através de trocas de conhecimento com sua mãe e com os poetas ilustrados – como foi o caso de Filinto Elísio – completou-se com sua constante participação na sociabilidade ilustrada da época, particularmente os salões. Nesses espaços as reuniões, organizadas por outras senhoras ou por ela mesma em sua casa, permitiram-lhe entrar em contato com grandes personalidades da época (reis, políticos, literatos, filósofos...) e, a partir da boa conversação, inserir-se no turbilhão de descobertas científicas e no uso público da razão.

E não menos importante, foi uma mulher que em seu cotidiano, ainda que de forma sutil, foi além de sua atuação na esfera privada – representada pelo lar, pelo

⁴⁸ Idem, p. 694.

⁴⁹ Idem, p. 693.

marido e pelos filhos – e interferiu na esfera pública: no universo político em nome de seus interesses particulares e no âmbito intelectual. Esferas de atuação que, mesmo para os homens ilustrados, deveriam ser regidas exclusivamente pelo sexo masculino.⁵⁰

⁵⁰ VER GODINEAU, D. Op. cit., p. 312-2315 e 333.